

Movimentos eclesiais: a CNBB reflete

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Hoje milhões de católicos vivem sua relação de pertença à Igreja no contexto de novas formas associativas, muitas delas bem diferentes das tradicionais. Trata-se das associações de fiéis leigos ou dos chamados movimentos eclesiais.

O próprio Papa não cessa de elogiar os Movimentos eclesiais, principalmente os mais recentes. Afirma que “eles representam um dos frutos mais significativos daquela primavera da Igreja já prenunciada pelo Concílio Vaticano II, mas obstaculizada por um lacerante processo de secularização”.

Segundo alguns observadores do campo religioso católico, a maior parte das “conversões” hoje acontece nesses Movimentos Eclesiais. E explicam: primeiro, porque neles os leigos têm mais liberdade e menos rigidez para organizar sua vida de fé do que num esquema paroquial mais tradicional, nos quais os agentes evangelizadores tradicionais (leia-se: clero diocesano e religioso) controlam a palavra, o culto e a organização comunitária. Também porque, no nosso tempo, devido a suas características, já não se entra na Igreja de forma direta, por tradição familiar, social, influência do poder, do conhecimento ou outra coisa, mas pelo caminho da experiência, da afetividade afetada, da emoção enfim. Seria necessário uma passagem afetiva, uma experiência que toque as fibras mais profundas do coração como pré-evangelização, antes que o fiel começasse realmente a integrar as fileiras da Igreja enquanto instituição e participar de todas as suas normas e diretrizes litúrgicas e morais.

Deve-se notar que os assim chamados Movimentos Eclesiais não são novidade na Igreja. Sempre existiram grupos emocionais, entusiastas e visionários, carismáticos e iluminados, sobretudo em tempos de forte mudança ou crise epocal, como a que vivemos hoje.

Porém, na verdade, os Movimentos no atual momento eclesial constituem um corpo novo dentro da Igreja local e mesmo no conjunto da pastoral, sugerindo um novo modelo histórico da realidade eclesial, diferente daquele que conhecemos hoje. Apresentam algumas novidades sintomáticas em relação ao sucesso que fazem em alguns segmentos do povo de Deus como nos diz o teólogo Cleto Caliman em recente texto de estudo: são orientados aos leigos em busca de uma espiritualidade; neles nasce uma nova espécie de clero ou de religiosos a serviço dos próprios movimentos; dentro dos movimentos há mais do que colaboração, há uma integração de padres, religiosos e leigos.

O teólogo José Comblin, missionário belga há muitos anos residente na Paraíba é uma das pessoas que mais tem estudado a questão dos movimentos no Brasil. Ele se pergunta em seus escritos se os Movimentos não representam uma evolução do papel que, em outras épocas, era feito pelas Ordens e Congregações religiosas ou pelos Institutos Seculares, como “uma nova encarnação da vida de perfeição, agora ainda mais ligada à vida dos leigos, a uma espiritualidade leiga, mais ligada à vida diária do mundo”.

As características sociais dos Movimentos são já bastante conhecidas. Enumeramos algumas:

- são leigos em geral não intelectualizados;
- agem com suas próprias armas, têm conhecimento adequado para isso e são eficientes, por isso autônomos;
- são dotados de ‘autoridade social’;
- são ‘transnacionais’ representam uma espécie de classe média mundial católica e no seu agir referem-se a essa classe social ‘transnacional’;
- recrutam seus quadros por eles mesmos, não precisam da diocese ou do bispo para funcionar;
- em geral são urbanos, expressam uma religião de classe média urbana, setorializada, voltada para a experiência de si mesmo, para compor a própria biografia como sujeito religioso no mundo;
- capaz de aliar a experiência de conversão a partir do plano emocional com a experiência de fraternidade.

Pelas suas características os Movimentos, segundo os analistas, oferecem uma porta de entrada (para alguns: a única) do catolicismo na nova classe média urbana, adaptada à condição dos leigos, oferecendo o que mais essa classe busca: segurança, identidade, razão de ser. Definem-se como ‘supralocais’, ou seja, vão além do território da paróquia, da diocese. São ‘supraterritoriais’.

Por constatar que se trata de um fenômeno que merece reflexão séria e profunda dentro da Igreja, a CNBB convoca para os dias 7 a 9 de fevereiro em Brasília um encontro entre líderes desses movimentos e assessores e bispos da conferência. O objetivo é fazer uma reflexão séria sobre os movimentos e tentar traçar algumas linhas comuns que os integre mais dentro da Igreja local.

Aí se refletirá sobre os grandes desafios que esses movimentos apresentam à Igreja como um todo e muito especialmente à Igreja do Brasil. Entre os principais desafios estão: a relação entre fé e experiência de Deus com primazia em relação à organização institucional; a relação dos movimentos com a transformação do mundo, visando superar a suspeita de alienação que sobre eles paira; o risco do esquecimento das mediações históricas na autoconcepção do movimento que acaba muitas vezes por tornar-se autofágico e autocentrado; a concepção de cultura que está na base do movimento, às vezes um tanto espiritualista; o conceito de evangelização e como é entendido no interior dos movimentos; e *last but not least*, a complexa e rica realidade da América Latina e sua Igreja. A maneira como os movimentos assumirão as opções da Igreja Latino Americana, qual seja a luta pela justiça, a opção pelos pobres, etc. certamente terá graves implicações em seu futuro